

A liberdade e a manipulação nas redes sociais

As redes sociais são o maior fenómeno do século XXI, é difícil presenciar alguma ocasião onde se encontre alguém que não esteja a utilizar o *Facebook*, o *Twitter* ou o *Instagram*. De facto, as novas tecnologias trouxeram consigo uma revolução: deixámos de olhar para as coisas da mesma forma e somos condicionados pela informação, e talvez excesso de informação, que nos é apresentada. Posto isto, ao sermos condicionados de forma explosiva e massificada por esta informação, será possível determinar que a manipulação nas redes sociais interfere com a liberdade humana?

Eu creio que interfere com a liberdade humana considerando que a informação nas redes sociais é colocada de forma despreocupada com a ética e a moral, a informação e imagem “vendida” das vidas perfeitas que nos são apresentadas nas redes sociais muitas vezes não são genuínas e credíveis e impulsionam-nos a acreditar no que observamos, o que torna isto numa ação imoral e não ética, porque de acordo com a ética deontológica racional de Kant, a moralidade numa ação é determinada pela intenção do agente, se agir por dever e por puro respeito à lei moral estarei a executar uma ação moralmente correta, não tendo em conta os desejos, motivações e sentimentos que eu tenho, logo, quando coloco informação falsa ou confidencial e privada e eu tenho consciência destes fatores, a minha intenção não é agir por dever e por respeito à lei, mas por prazer próprio. Imaginando a situação: eu hackeio o *Facebook* de um indivíduo e retiro informações privadas e confidenciais a essa pessoa e publico nas redes sociais, não estou a ser moralmente correto admitindo a minha intenção, eu estou a interferir com a liberdade humana ao publicar informações sem o consentimento da pessoa em questão, considerando que o faço por puro prazer e intenção sádica, não ajo por dever, nem por puro respeito à lei moral.

A nossa liberdade também é condicionada porque somos vistos como um meio para atingir um fim, de acordo com Kant, o homem não pode ser visto como um meio para alcançar um fim porque é dotado de razão, consciência e liberdade, logo, o agente tem de agir de forma desinteressada e imparcial. Se supusermos que nas redes sociais eu publico um artigo científico falso que desmente o aquecimento global para atender aos benefícios que isso trará à minha empresa que produz carros a gasóleo, estarei a utilizar a minha audiência para benefício próprio: homens e mulheres estarão a ser usados como um meio para alcançar um determinado fim, lucrar no meu negócio e estarei a atentar à sua liberdade quando os uso para ganhar dinheiro.

No entanto, independentemente do facto da informação publicada ser falsa, não estarei a promover a felicidade geral numa circunstância em que publico que a cura para o cancro foi encontrada? Na ética consequencialista defende-se que as consequências é que determinam se uma ação é moralmente correta ou não, no utilitarismo de Mill (que provém da ética consequencialista) o princípio e critério para avaliar a ação estará na maximização da felicidade para o conjunto de indivíduos afetados de forma previsível, quem souber desta notícia vai ficar feliz, eu refuto este argumento de acordo com o *bode expiatório*, pois interfere com a liberdade humana, na medida em que engana os outros e deteriora a moralidade, é por isso que é necessária ser avaliada a intenção do agente, considerando que a ação é intelectualmente desonesta.

Concluindo, a liberdade humana nas redes sociais pode estar a ser colocada em risco devido à manipulação e falsificação de informação apresentada hoje em dia e bombardeada de forma

intelectualmente desonesta o que é moralmente degradante tendo em conta um ponto de vista ético.

Lara Francisco